

# **Nostalgia, alegoria e restus: processos de desconstrução na elaboração identitária vêneta no Rio Grande do Sul**

## **Nostalgia, allegory and restus: processes of deconstruction in the elaboration of Veneto's identity in Rio Grande do Sul**

Luís Fernando Beneduzi

### **Resumo**

*A construção da identidade "italiana" no sul do Brasil constitui-se em uma constante releitura de restus da experiência passada, os quais funcionam como mnemagohi em uma pseudo-ressurreição do passado. Nesse sentido, a reelaboração imagética de um Vêneta desterritorializado, cristalizado no Rio Grande do Sul, é parte de uma leitura nostálgica destes traços remanescentes do passado experiencial dos primeiros imigrantes italianos e de suas recordações da terra de partida. As ruínas e alegorias, os restus e vestígios de um Vêneta imaginário e do processo de ocupação da ex-colônia de Conde d'Eu propiciaram elaborar constantes releituras das mnemônicas do passado, vinculadas a expressões diferenciadas de sensibilidades, aos chamados mnemagohi – aqueles suscitadores de memória.*

**Palavras-chave:** imigração italiana, memória e nostalgia.

### **Abstract**

*The construction of the Italian identity in the south of Brazil is a constant production of readings of the past experience restus, which works as mnemagohi in a pseudo-ressurrection of the past. In this way, the imagetic reconstruction of a nonterritorialized Veneto's –crystallized in Rio Grande do Sul – is part of a nostalgic reading of these remaining marks of the experiential past of the first Italian immigrants and of its remembrances of the departure land. The dust and allegories, the restus and the residuum of a imaginary Veneto's and the colonization process in Conde d'Eu constructed different mnemonic representations of the past, linked to diverse sensibility expressions, to the mnemagohi – instruments used to call back memory.*

**Key words:** italian immigration, memory and nostalgia.

A identificação dos ítalo-brasileiros no Rio Grande do Sul é concebida a partir de um conjunto de bens culturais que foram conservados

e que fazem recordar o processo imigratório, bem como das especificidades do desenvolvimento das comunidades italianas na serra gaú-

Luís Fernando Beneduzi é Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor do Curso de História da Universidade Luterana do Brasil.

Endereço para correspondência: Universidade Luterana do Brasil – Av. Farroupilha, 8001 – São Luís – Canoas/RS. E-mail: beneduzi@terra.com.br

Textura	Canoas	n. 11	janeiro/junho 2005	p.11-19
---------	--------	-------	--------------------	---------

cha. Esses bens culturais que se constituíram em lugares de memória da imigração envolvem estruturas simbolicamente significadas, as quais constroem uma ligação mnemônica com a terra de partida. Em um sentido de pacificação de uma nostalgia da pátria perdida, o fenômeno da imigração é norteado por *lincks* – cantos, ritualismos, tradições populares, mitos, relações de sociabilidade e solidariedade – que vinculam a terra de partida à de chegada.

Nesse sentido, Primo Levi discute o processo de apreensão imaginária do passado a partir dos elementos por ele chamados de *mnemagoghi*. Esses objetos constituir-se-iam em conectores entre a realidade presente e a experiência passada – que assim como construídos em nossos processos de reelaboração através do tempo – são os “suscitadores de memória”. Narra o encontro entre um jovem médico – doutor Morandi – recém-chegado a uma pequena cidade alpina e o antigo médico da localidade – doutor Montesanto – Levi discute sobre o processo evocativo dos sentidos na produção e preservação da memória<sup>1</sup>.

O ancião, em meio ao colóquio que se estabelece entre os dois, revela um hábito de análise desenvolvido por ele, pouco científico admite, mas que permite o trabalho com os sentidos. Discorrendo sobre as formas como as pessoas conservam o passado – flores secas, livros, cartas como instrumentos evocativos de uma rememoração – ele, como farmacêutico, produziu uma série de odores que o fazem recordar momentos da vida. Montesanto enfatiza que esses cheiros têm um efeito evocativo pessoal a cada indivíduo, retratando lugares de memória experimentados. Ao abrir um dos frascos, Montesanto questiona Morandi sobre as imagens que ocorrem à sua mente e esse responde prontamente: “é cheiro de quartel” – sendo retrucado pelo médico ancião: “para mim é cheiro de sala de escola infantil, de minha sala de aula, uma mistura de ácidos graxos voláteis e acetona”.

Assim, apresenta-se o sentido mnemônico desse conjunto de odores, os quais para al-

guns podem ser apenas uma combinação de produtos químicos, ou até uma substância específica, mas para aquele que os têm como elementos evocativos produzem um quadro do passado, retratando eventos e qualificando momentos:

Conservo inclusive a fotografia dos meus trinta e sete companheiros de escola da primeira série, mas o odor deste frasco é enormemente mais eloqüente em me trazer a mente as horas intermináveis de tédio sobre a cartilha; o particular estado das crianças (eu criança!) na espera da terrificante primeira prova de ditado. [...] Quando o cheiro, então, as minhas vísceras se movem como quando eu tinha sete anos e esperava por ser interrogado (LEVI, 1996, p. 10)

Entretanto, essa sensibilidade enquanto processo de leitura da realidade e evocação do passado não apresenta apenas a sua faceta individual – apesar de ser particular em cada experiência dos sujeitos, ela se coaduna em interfaces e estruturas comunicantes que a conduzem para uma realidade experiencial socializada:

Sendo, contudo, um processo subjetivo, brotado do íntimo de cada indivíduo, como uma experiência única, a sensibilidade não é, a rigor, intransferível. Sendo a sensibilidade uma *forma de ser e estar no mundo*, ela pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica. (PESAVENTO, 2004, p. 74)

A rigor, esses processos de reelaboração da experiência migratória serão marcados por dois momentos: o primeiro, será um período de construção, quando da chegada dos primeiros imigrantes italianos à serra gaúcha; o segundo, será marcado pela preservação da tradição, quando se buscará manter uma determinada memória sobre a imigração. Essa fase da preservação terá como marca duas vinculações – uma à cultura italiana unitária, organizada pelas comemorações do cinquentenário da imigração, sob a direção da Itália do *Duce*; a outra, terá uma identificação com a cultura *contadina*<sup>2</sup>

<sup>1</sup>No que se refere à discussão sobre a representação do passado, destaca-se o artigo de Paul Ricoeur, o qual apresenta a memória como ponto de partida para a leitura do acontecido. RICOEUR, Paul. *L'écriture de l'Histoire et la représentation du passé*. In: *Annales*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, ano 55, n. 4, julho-agosto de 2000. Nesse sentido, a memória funcionaria como elos suscitadores do olhar histórico sobre o passado, participando da operação historiográfica.

<sup>2</sup>Poderia ser usado o termo *camponês*, o qual seria uma tradução possível ao termo citado, porém decidiu-se manter o referido termo por pensar-se que o mesmo empregava uma situação específica do camponês italiano de fins do século XIX. Este trabalhador do campo que dividia a situação de pequeno proprietário e trabalhador das grandes propriedades dos *signori* (grande proprietário rural).



reelaborada em solo rio-grandense, reevocando *Nanetto Pipetta*.

O passar do tempo produzirá a elaboração de novos *mnemagoghi* ou a produção de sensações e evocações diferentes sobre aqueles que permanecem, pois as experiências da comunidade sofrerão um processo continuado de transformação ao longo do século XX. Novas leituras da própria trajetória da comunidade serão feitas, levando-se em conta os novos conflitos que surgem no interior do próprio grupo ou nas relações estabelecidas em seu presente com outros grupos étnicos de contato e com os “nacionais”.

Nos dois momentos apresentados, pode-se perceber o duplo sentido dessa preservação, a qual coloca, em inter-relação, apropriação e perda, haja vista que buscam objetificar<sup>3</sup> experiências coletivas, deslocando-as de seus contextos históricos, o que provoca sua dispersão. As vivências coletivas, na medida em que são pensadas a partir de um sentido de grande Itália ou de memória de uma vida *contadina*, expressam uma intencionalidade de construção e não se processam de forma natural, como tentam demonstrar os livros comemorativos. A partir de um presente em contínua transformação, constrói-se um discurso de perda, o qual autoriza a preservação do autêntico, do real, não o expressando como uma unidade de coerência construída:

Na medida em que [...] o presente é narrado como uma situação de perda progressiva, estruturam-se e legitimam-se aquelas práticas de colecionamento, restauração e preservação de ‘patrimônios culturais’ representativos de categorias e grupos sociais [...] nos termos de uma imaginária e originária unidade, onde estariam presentes atributos tais como coerência, continuidade, totalidade e autenticidade. (GONÇALVES, 1996, p. 23)

O discurso da primeira comemoração é marcado por um contexto de aprofundamento da política externa italiana, visando alcançar seus cidadãos no exterior, motivada pela idéia de grande Itália, própria desse período de ascensão do ideário fascista. Percebe-se nela o fes-

<sup>3</sup> Entende-se o conceito de “objetivação cultural” a partir da definição de Richard Handler – “uma tendência lógica da cultura ocidental a imaginar fenômenos não materiais (como o tempo) como se fossem corporalizados, objetos físicos existentes”. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 14.

teamento da grandeza da estirpe italiana, do trabalho continuado dessa *italica gens*, que deve ser conhecido tanto no solo peninsular quanto entre esses próprios imigrantes que vivem no Rio Grande do Sul, para assim:

colocar em evidência o trabalho realizado pelos italianos nesse Estado durante cinquenta anos [...]; para fazer conhecer à Itália e aos italianos o valor das massas de povo emigradas no Rio Grande do Sul, [...] fazer conhecer aos próprios italianos que vivem no Rio Grande o que representam hoje para a economia e o bem-estar do país que os hospeda. (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, 1925, p. 26)

Dessa forma, a primeira comemoração da chegada dos imigrantes italianos destaca um dever de celebrar e recordar esse trabalho árduo em solo rio-grandense. A memória deve ser preservada também para glorificar o feito desses bravos filhos da nação italiana que construíram com muita dificuldade a pujança na terra na qual se alojaram. Por isso, tem-se de destacar muito o sacrifício nessa memória da imigração, pois é ele que aumenta a dimensão da conquista e da bravura.

Mesmo representando para uma parcela da população colonial, bem como para a burocracia italiana instalada no Rio Grande do Sul, uma determinada memória oficial que deve ser conservada, a permanência de vestígios da tradição popular vêneta e uma tradução cultural desse mundo *contadino* ocorreram de forma menos organizada no cotidiano das comunidades coloniais. Poder-se-ia dizer que esse trabalho de reelaboração da terra de partida, vivido à maneira como se dá a ocupação da floresta, os nomes atribuídos às capelas, capitéis e localidades, bem como a remanescência de tradições trazidas das diversas regiões do Vêneto, indicam uma busca de recompor o universo pátrio em terra estrangeira:

Poder-se-ia também falar de uma espécie de geografia patética, de uma topografia mística que, somada à toponímia e à sua força evocativa, coloca em funcionamento o trabalho da reminiscência e da imaginação. (PRETE, 1996, p. 120)

Assim, a nostalgia faz reconstruir o lugar de desejo a partir de uma coloração diferente.



A antiga terra da destruição, da miséria, a *porca Italia*, à qual se refere o velho emigrante de *Sull'Oceano*, transforma-se na doce recordação de uma infância perdida, da qual se chora a ausência. Para não viver a dor do *rimpianto*<sup>4</sup>, o emigrado constrói uma vida que evoca essa pátria distante, recompondo casas e observando traços da Península em várias situações do cotidiano. Essa transformação no olhar sobre a terra de partida também está contida no próprio efeito irracional do amor vivido pelo nostálgico, que rememora o seu *villaggio* como o mais belo dentre todos:

Como o amor, assim é a nostalgia: entretanto o nostálgico ama o seu triste burgo, e o ama sem razão, antes de qualquer razão, de forma que o triste burgo será o mais belo de todo o universo. (PRETE, 1996, p. 138)

Na distância da terra amada que a nova vida provoca, na impossibilidade de um retorno que a situação presente manifesta, no sentimento de uma inevitável desilusão com o retorno, o nostálgico busca reconstruir um espelho daquilo que foi deixado. Essa adaptação ao desconhecido perpassa uma reelaboração de condições pré-existentes na quotidianidade da pátria deixada para trás:

Mas as condições fisiológicas do aclimatação podem, depois de tudo, ser reconstruídas no exterior e, por outra parte, a força da adaptação e a elasticidade da natureza humana são por assim dizer infinitas. (PRETE, 1996, p. 141)

Com isso, a experiência anterior sofre uma nova leitura, a partir de um processo de reconhecimento ou tradução – os quais operam pelas sensações, pelos sentidos – compondo um exercício de contraste entre o passado perdido e o presente que se está vivendo (PE-SAVENTO, 1004). O nostálgico prova sensivelmente o contato com seu mundo imagético deixado para trás, ou melhor, com sua percepção dessa realidade passada: por um jogo de colagem, ele mescla com o novo ambiente, imagens

evocativas de um passado experiencial que prefere não esquecer. Dessa forma funcionam as nomeações de santos e das diversas imagens que provêm dos lugares de emigração na Itália – duplicadas pelos imigrantes, bem como o fazem com os diversos exemplos de habitações construídas enquanto cópias daquelas deixadas nos *paese* de nascimento.

A busca de uma reelaboração dessa terra de partida, justamente procurando construir esse aclimatamento possibilitador da sobrevivência em terra estrangeira, dar-se-á pela preservação de fragmentos conectores com o lugar de nascimento. Essa manutenção de elementos que solidificam uma ponte entre a Península Itálica e a serra gaúcha trazem consigo a produção de ruínas de uma tradição vêneta, as quais funcionam como alegorias de uma vida que não existe mais enquanto evento tangível. Porém, essas remanescências expressam uma conservação subjetiva dessa realidade passada, vinculada à experiência sensorial evocativa do real, a qual passa a construir o mundo vivido a partir de uma re-colagem desses fragmentos de lembranças, imagens e sensações da existência.

O momento de perda produz um grande sofrimento, pois nele se antevê o desaparecimento de coisas que são preciosas para quem elas se tornam ausência. Nesse sentido, a alegoria – enquanto representativa de uma coisa para significar outra – funciona como uma possibilidade, embora fragmentária, de restauração:

A alegoria emerge em períodos de perda, períodos nos quais uma autoridade familiar, política ou teológica, uma vez poderosa, é ameaçada de desaparecimento. A alegoria emerge, assim, a partir da ausência dolorosa daquilo que ela espera recuperar. (GREENBLAT apud GONÇALVES, 1996, p. 27)

Para o imigrante que mantém o nome da paróquia de proveniência na nova localidade – como São Silvestre ou São Marcos – reduplicando uma estruturação de vida ao redor da capela, que tem à sua frente a praça, essas ruínas trazidas por ele do *paese* de nascimento funcionam como elementos ressignificadores da existência. Entretanto, não serão apenas as localidades que terão a marca dessa nostalgia; também as estradas farão parte dessa nova cartografia do território, o qual

<sup>4</sup>Mantém-se o termo original, *rimpianto*, por não se ter encontrado na língua portuguesa verbete que designasse uma relação igual. Em muitos dicionários encontra-se como tradução a palavra saudade, mas entende-se que esta não apresenta o mesmo sentido de *rimpianto* utilizado como um rememorar choroso e doloroso das coisas passadas.



será demarcado com os capitéis – pequenas capelas colocadas nos caminhos em honra e/ou agradecimento a santos de devoção da família – edificadas em homenagem a São Roque, Santo Antônio ou Nossa Senhora da Saúde, comuns na região do Vêneto.

Dessa forma, essas construções religiosas seguem somando-se às estruturas arquitetônicas das casas, aos telhados preparados para a neve que nunca vai chegar de forma tão abundante, mudando a fisionomia da região, domesticando a natureza, funcionando como alegorias de um passado que não retorna mais. Essa associação entre ruínas e alegorias comporta o casamento entre a existência e a representação, na medida em que, segundo Walter Benjamin, “as alegorias são, no reino do pensamento, o que as ruínas são no reino das coisas” (BENJAMIN, 1984, p. 200).

Essa situação de desestruturação de relações de sociabilidade e sensibilidade vinculadas a um mundo ancestral ocasiona uma necessidade permanente de reevocação da tradição e de preservação de restos desse mundo que vive enquanto representação:

Uma estrutura em processo de desaparecimento e que convida a um permanente e obsessivo processo de reconstrução no plano imaginário. (GONÇALVES, 1996, p. 28)

A permanência de restos dessa cultura popular vêneta, os quais sofrem um contínuo processo de tradução cultural desde o momento da partida para o Brasil, vivem uma dinâmica paradoxal de presença/ausência. As ruínas de um mundo deixado no além-mar, mas que ao mesmo tempo subjazem no interior de cada imigrante, expressam uma dupla realidade: de uma parte significam a marca de uma realidade vivenciada no passado; porém, de outra, atestam que tal realidade não mais existe, pois são vestígios seus, já em processo de resignificação:

A imagem das ‘ruínas’ nos textos de Benjamin sobre alegoria pode ser interpretada de modo similar, na medida em que são ao mesmo tempo desaparecimento e reconstrução imaginativa; ou, nem uma coisa nem outra. (GONÇALVES, 1996, p. 30)

Enquanto dinâmica de permanência e desaparecimento, a ruína constrói uma realidade

em simulacro, pois, não existindo mais a realidade passada em sua plenitude, ela representa essa ausência construindo uma cristalização da experiência. O Vêneto não está mais presente enquanto unidade geográfica e a nova terra exige constantes mudanças nos hábitos ancestrais – entretanto, fragmentos dessa cultura *contadina* trazida pelo imigrante elaboram uma percepção de continuidade de uma terra de partida imaginária remanescente na vivência comunitária na serra gaúcha.

Todavia, esse processo de leitura da ruína como plenificação de um passado no cotidiano da comunidade pressupõe que se tenha estabelecido uma função na leitura que o grupo faz da realidade. Ele existe porque funciona como um elemento que estanca a dor do não-retorno, porque mantém uma relação de presença da Península Itálica, ou melhor, do Vêneto nas novas comunidades em terra brasileira. Nesse sentido – assim como os conceitos – essa relação perdurará enquanto criar sentido para as gerações que vivenciam esse processo nas suas próprias experiências, ressignificando essas marcas do passado:

Os conceitos sobrevivem enquanto esta cristalização de experiências passadas e situações retiverem um valor existencial, uma função na existência concreta da sociedade – isto é, enquanto gerações sucessivas puderem identificar suas próprias experiências no significado das palavras. (ELIAS, 1994, p. 27)

Norbert Elias ainda explica que algumas vezes esses conceitos podem morrer – bem como determinadas percepções da experiência comunitária – quando não encontram mais razão da dinâmica concreta da sociedade. Porém, essa situação pode não passar de um relativo adormecimento, até que haja mais uma vez uma sintonia entre representação e representado:

Em outras ocasiões, eles apenas adormecem, ou o fazem em certos aspectos, e adquirem um novo valor existencial com uma nova situação. São lembrados então porque alguma coisa no estado presente da sociedade encontra expressão na cristalização do passado corporificada nas palavras. (ELIAS, 1994, p. 27)

As formas de leitura da Itália durante os diversos momentos da imigração e pós-imigração, tanto entre os próprios emigrados quanto



entre os seus descendentes, sofreu esse processo de transformação valorativa. Dessa forma, se perceberá na década de 1970, quando da comemoração do centenário da imigração italiana, o resgate desse Vêneto *contadino* do século XIX que jazia no Brasil meridional. Mesmo na Itália, será nesse período que se procederá a abertura de campos de estudo sobre a emigração, sendo o ano de 1972 um marco nesse início de um processo de trocas entre estudiosos italianos e brasileiros.

Nessa busca de um resgate do “sentido da imigração” e de uma re-identificação do imigrante com o bravo colono desbravador e trabalhador, a história de *Nanetto Pipetta* é re-editada – em versão dialetal – e diversas publicações exaltam essa tradição rural vêneta na serra gaúcha. Além da dimensão do trabalho árduo, marca-se essa vinculação do imigrante a um catolicismo intransigente, uma devoção visceral à Igreja Romana – unindo religião, honestidade e trabalho incansável como demarcador identitário desse fenômeno migratório. Mais uma vez, a figura de Nanetto representa o anti-herói, aquilo que era risível sobre a imigração, o que era considerado apenas como antítese da vida colonial. A incapacidade de adaptação do personagem termina por destacar aqueles que souberam adaptar-se à nova realidade colonial – ou aqueles que “deram certo”:

Nanetto nunca se comporta como deveria; e essa sua incapacidade faz rir em uma situação em que, pelo contrário, é estimado quem soube se adaptar, quem fez fortuna, quem se tornou proprietário de terra e chefe de família. (BRUNELLO, 1994, p. 78)

A rememoração do processo migratório traz consigo uma nova celebração do mito da fronteira: os índios representam a natureza, a qual se contrapõe à civilização que se quer construir. Assim, devem ser afastados e/ou domesticados, como se faz com a floresta virgem, tornando-os – como o cão de Nanetto, que se chamava Tupi – animais de estimação, prontos para serem domesticados. O imigrante, ao contrário, é o emblema do novo civilizador, convidado a escrever uma nova história sobre a região.

Entretanto, a elaboração de uma visão positivada do processo migratório, produtor de uma identidade vêneta-rio-grandense, não se restringe ao efeito comemorativo de 1975, mas aprofunda-se no último quartel do século XX,

cada vez mais destacando esse Vêneto imaginário do século XIX como uma realidade cristalizada na serra gaúcha. Esse constante reeditar do mito da imigração – especialmente a italiana nesse caso – produz-se em linguagem dialetal, entendida como “aquela trazida pelos imigrantes”, e funda-se na construção da civilidade, da indústria, da domesticação da floresta e da difusão do catolicismo. Enfim, a narrativa é envolta pela dramaticidade do sucesso individual e da prosperidade econômica da região ocupada:

Mas também com a sua vontade de trabalhar, com a sua cabeça boa, com a sua cultura implantaram uma estrutura social de trabalho; fizeram produtiva uma região inculta; fundaram *paese* e *città*; iniciaram indústrias; implantaram a civilização; difundiram a religião. Sim, os imigrantes italianos souberam responder àquilo que se esperava deles. Eles foram bravos, muito bravos. Também os nossos. (DELL'ALBA, 1997, p. 60)

Nesse fragmento de um artigo escrito em uma mistura de construções dialetais provenientes da ex-República Vêneta, atualizada no decorrer do século XX, a partir de seu encontro com a língua portuguesa, a ruína readquire seu efeito de cristalizadora de uma vivência passada – de reconstrução imaginária dessa experiência. A identidade atual dos *Talian* – descendentes de italianos – um termo que também pode ser substituído por ítalo-gaúchos, funde-se com a de seus ancestrais na manutenção das tradições pátrias. Ela se expressa nas diversas comemorações que crescem em tamanho e quantidade, festas celebrando uma infinidade de produtos e tradições: festa do vinho, do queijo, da vindima, da uva, do champanhe, do colono; comemorações que produzem uma constante ressignificação dessa especificidade de uma cultura italiana.

Nos variados momentos de festejamento étnico, canções folclóricas, trajes típicos, comida, aromas, tradições – como o *filô*<sup>5</sup> – constroem uma ponte entre passado e presente, elabo-

<sup>5</sup> O *filô*, no Rio Grande do Sul, constituía-se em um momento de descontração e lazer, acontecendo, geralmente, nas noites de sábado. Duas ou mais famílias encontravam-se em uma das casas da comunidade para jogar, conversar, comer e beber. Jogos como a bisca, o três sete, a escova eram parte dos ritos de sociabilidade, via de regra partilhados pelos homens. As mulheres conversavam, costuravam e faziam crochê na cozinha, com as crianças brincando aos seus pés. Normalmente, comiam-se pinhões, *crostoli*, bebia-se vinho, doce, suave ou seco.



rando uma idéia de eternidade – de um tempo que não se moveu e continua imóvel – o tempo da não-mudança. Mesmo marcado pelo desaparecimento da tradição, o hoje das comunidades de descendência italiana é lido a partir de uma folclorização do passado, que produz a reificação desses traços de uma cultura ancestral, construindo um efeito de permanência dessas relações e desse mundo passados.

A canção é um exemplo de resgate de um tempo perdido, promovendo um entrecruzamento no presente desses *eu* descontínuos, dessas personalidades sucessivas que fenecem na passagem do tempo. Constrói-se uma sensação de retorno, assim como Proust relata, de certos momentos em que o passado voltava à luz, a partir de sentimentos que se pensava houvessem desaparecido, mas que ao afluírem, davam sinal de sua não-extinção – contexto notabilizado por Benjamin com o dístico “memória involuntária”. Logo, Proust entende que o *eu* não vive uma constante destruição total de sua existência, mas permanece enquanto remanescente do passado individual e coletivo:

Nossos antigos *eu* não se perdem, em corpo e alma, já que podem reviver em nossos sonhos e, às vezes, ainda em nosso estado de vigília. [...] Assim, pois, o tempo não morre completamente, como parecia, senão que permanece incorporado em nós mesmos. (MAUROIS, 1998, p. 217)

Nesse sentido, o escutar de uma canção dialetal, ou de uma fábula, ou, ainda, a experiência de um *filó* – tão comum nessas festas de família que se multiplicam pelo interior do estado – produz esse renascimento de um *eu* que se pensava morto, mas que, porém, vivia apenas um momento de adormecimento. Nos momentos de festejamento familiar, as canções produzem – particularmente nas gerações mais velhas – um reviver das sensações passadas, misturando-se sorrisos e lágrimas enquanto se procura seguir palavra a palavra o canto, fazendo questão de recordar os momentos do passado no qual era entoado. Dessas lembranças, comuns são as lágrimas que brotam em um entoar das ladainhas de Nossa Senhora ou da canção símbolo da imigração “Mérica, Mérica”.

A ruptura ocasionada pelas fortes transformações ocorridas no Vêneto – na década de

1970 – e no Rio Grande do Sul, o mesmo período, produzem a aceleração no processo industrial e, conseqüentemente, no progressivo declínio de tradições populares vinculadas a um mundo rural e relações de sociabilidade marcadas pelo coletivo. Esse fenômeno de desestruturação de práticas fortemente arraigadas conduzirá a uma busca de readaptação frente à nova realidade que se apresenta. Nesse sentido, procurou-se restabelecer antigas ligações com um Vêneto rural do século XIX, o que permitiria a tranqüilidade e a segurança da “imutabilidade”. Muitos buscarão na experiência das comunidades italianas no Rio Grande do Sul, a partir de traços culturais remanescentes, encontrar esse elo mágico entre passado e presente. A nostalgia de uma idade de ouro perdida no passado, a época em que se era realmente feliz, promoverá uma releitura tranqüilizadora da vivência das comunidades coloniais do sul do Brasil.

A fase nostálgica que será inaugurada com o Centenário, comemorado em 1975, enfatizará a construção de uma sociedade estável de chefes de família, marcados pela religião e pela moral:

Idealizam a fase pioneirística das colônias italianas e a propõem enquanto modelo de referência pela centralidade dos valores morais e religiosos que a teriam contra-distinguido. (BRUNELLO, 1994, p. 87)

Por outro lado, expressando uma perspectiva diferente desse mito igualitário e cooperativo que nasce nas narrativas de festejamento da imigração, as colônias apresentam em seu desenvolvimento um contínuo distanciamento entre diferentes setores sociais. Essa vida idílica e sem conflito, marcada pela união indissolúvel dos diversos grupos no interior da colônia, é relativizada por personagens que, fugindo ao modelo rural-religioso, constituem-se em um sinal de alteridade no interior da comunidade.

Sem mencionar aqueles imigrantes que abandonaram suas terras, que adentraram ao mundo do crime, um exemplo da fuga às normas da coletividade é o negociante. Ele constituiu-se na ponte entre o colono e o comércio da cidade, comprando e vendendo sempre em benefício próprio. Como mencionado por muitos observadores, segundo Piero Brunello, o comerciante fornecia uma imagem propícia para a



usura e a agiotagem. Também a literatura produzida a partir da década de 1970, sobre a imigração, referindo-se tanto à zona de colonização alemã quanto àquela italiana, destaca esse enriquecimento – muitas vezes ilícito – dos comerciantes.

Tem-se uma representação dessa perspectiva voraz na obra de Josué Guimarães, *A ferro e fogo – tempo de solidão*, que apresenta a figura de Gründling, um comerciante alemão, também contrabandista de armas, o qual tirava vantagens de seus concidadãos, buscando o enriquecimento pessoal (GUIMARÃES, 1973). Configuração semelhante sobre os italianos dá-se em José Clemente Posenato que, no romance *O quatrillo*, mostra-nos diversos níveis da comercialização desse lucro conquistado sobre a perda de um concidadão (POSENATO, 1997). Dessa forma, tanto o personagem de Battiston, que intermediava o comércio entre a zona rural e urbana, aproveitando-se de empréstimos concedidos para endividar colonos e tomar-lhes as terras, quanto aquele de Antônio, que na zona rural constrói um moinho e um pequeno sistema de empréstimo no interior da comunidade, buscando o lucro, são exemplares para entender essas rupturas no modelo trabalho honesto-religião, que caracteriza o festejamento da italianidade no pós-1975. Inclusive essa leitura de uma percepção das diferenças ao interno da comunidade e dos grupos conflitantes é feita por Posenato, muito embora traga em si uma apresentação estetizada da realidade comunitária.

Saindo do espaço ficcional, mas ainda falando desses personagens que se distinguem da tipificação de chefe de família católico intransigente, agora encontra-se a figura de Abramo Canini. Esse imigrante italiano, desde antes da partida para o Brasil, tinha uma relação conturbada com o catolicismo, haja vista que tinha estreita ligação com o movimento de Giuseppe Garibaldi – na Itália. Em solo sul-rio-grandense, Canini participou da Revolução Federalista entre 1893 e 1894, assim como da organização da Loja Maçônica Concórdia de Bento Gonçalves – em 1901 (AHMG, Pasta 09)<sup>6</sup>.

Além desses agravantes, Canini se converteu ao protestantismo, justamente por diver-

gências com a Igreja, o que o tornava mais perigoso para o controle religioso da comunidade, tendo em vista que representava o inimigo a ser combatido. Segundo informações dadas por seu filho Humberto, constantes na pasta do Arquivo Municipal de Garibaldi, sua conversão é devida à passagem de um pastor pela comunidade da ex-colônia de Conde d'Eu, em uma noite chuvosa. Os padres haviam proibido terminantemente, aos colonos, de hospedá-lo em suas casas. Porém, Abramo se insurgiu contra a disposição dos sacerdotes e o abrigou em sua casa, convertendo-se ao protestantismo – Igreja Evangélica Metodista Episcopal do Brasil – naquela noite. Essa mesma Igreja será mencionada nos relatórios paroquiais – de 1920 a 1925 – da Igreja de São Pedro de Garibaldi, como inimigo a ser destruído.

A partir desses dados curriculares de Abramo, pode-se perceber que não expressava a figura que se queria construir sobre o imigrante italiano, nem nas comemorações de 1925 ou 1975 nem nas instruções dos frades capuchinhos – tanto nas missões quanto no jornal ou nas escolas católicas. O grau de mal-estar que causava à Igreja podia ser percebido pela batalha que os sacerdotes travavam contra ele, proibindo inclusive aos colonos comprarem os instrumentos agrícolas vendidos por Canini (AHMG, pasta 09).

Entretanto, mesmo com a oposição dos frades, esse seguidor de Garibaldi exercia forte influência na comunidade local, pois era responsável pelo acolhimento dos recém-chegados, dirigindo a Hospedaria dos Imigrantes – na qual também funcionava uma escola e a *Società Italiana di Mutuo Socorso Stella d'Italia*. Além disso, exerceu, por diversos anos, a função de agente consular do Reino da Itália na região colonial, ocupando uma função intermediadora entre os italianos aqui residentes e o Consulado.

A rigor, Abramo Canini configurava-se em uma encarnação dos piores inimigos da Igreja italiana, bem como da francesa, representada pelos sacerdotes capuchinhos de Sabóia. Os três piores males da Igreja italiana fundavam-se nas idéias consideradas contra-religiosas: o garibaldismo, a maçonaria – grande inimiga dos eclesiásticos – e o protestantismo, e todos os três estavam presentes na vida de Canini. Inclusive, para perceber o desafio que essas três linhas de batalha representavam, não se encontra edi-

<sup>6</sup> Utilizar-se-á como identificador do Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi a sigla AHMG.





ção do jornal *Staffetta Riograndense* que deixe de apresentar uma matéria combatendo um desses três maiores “males do século”, como era mencionado no periódico.

A figura do carbonário-maçon-protestante tinha grande força na comunidade, mas um momento comemorativo não é aberto a contradições e disputas, pois o ato da memória pacifica o passado, partindo de um olhar positivo da experiência, do olhar saudoso do nostálgico. Nesse sentido, a pluralidade da realidade passada é filtrada pela construção de uma identidade étnica positiva, marcada pela tradição e pelos valores comuns vivenciados pelo grupo.

Dessa forma, a construção de uma identidade ítalo-gaúcha – levada a cabo nesses quase cento e trinta anos de trocas interculturais – produziu uma constante atualização do fenômeno imigratório e da presentificação das experiências de expatriação e da reconstrução imagética da realidade passada. As ruínas e alegorias, os restos e vestígios de um Vêneta imaginário e do processo de ocupação da ex-colônia de Conde d’Eu propiciaram elaborar constantes releituras das mnemônicas do passado, vinculadas a expressões diferenciadas de sensibilidades vinculadas aos chamados *mnemagoghi* – aqueles suscitadores de memória.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRUNELLO, Piero. *Gli italiani in Brasile e il mito della frontiera*. Roma: Donzelli, 1994.
- CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. *La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia/Livraria do Globo, 1925.
- DELL’ALBA, João Leonir. La famiglia Ballardin. *Quaderni dell’A.D.R.E.V.* Ano II, n. 2, Ravenna: Longo, 1997.
- ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador*. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- GUIMARÃES, Josué. *A Ferro e Fogo – tempo de solidão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- LEVI, Primo. *I racconti*. *Storie Naturali*, vizio di forma, Lilit Turim: Einaudi, 1996.
- MAUROIS, André. *En busca de Marcel Proust*. Bogotá: Editorial Norma, 1998.
- PESAVENTO, Sandra. *Sensibilités dans le temps, temps des sensibilités*. *Revue Nouveaux Mondes, Mondos Nuevos*. Paris: CERMA/CNRS, n. 4, 2004.
- POSENATO, José Clemente. *O Quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- PRETE, Antonio. *Nostalgia*. *Storia di un sentimento*. Milano: Raffaello Cortina, 1996.
- RICOEUR, Paul. *L’écriture de l’Histoire et la representation du passé*. In: *Annales*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, ano 55, n. 4, julho-agosto de 2000.



